



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7284 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 24 - Educação e Arte

ENTRE A SUSPENSÃO SENSÍVEL: REPLANEJANDO UMA PESQUISA

EDUCACIONAL BASEADA EM ARTE

Rosiane de Jesus Dourado - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

**ENTRE A SUSPENSÃO SENSÍVEL: REPLANEJANDO UMA PESQUISA
EDUCACIONAL BASEADA EM ARTE**

Esse resumo apresenta reflexões sobre o início de uma pesquisa acadêmica, em nível de Doutorado, cujo desejo investigativo surgiu da prática pedagógica com audiovisual como docente na educação formal. A pesquisa é sobre os processos de produções realizadas por jovens estudantes em projetos audiovisuais artísticos e culturais desenvolvidos na escola. É um estudo teórico-prático das potências artísticas do campo audiovisual cuja aplicabilidade pedagógica se tornou, nas últimas décadas, mais presente nas escolas de educação básica, de esferas pública e privada. Como a maioria das pesquisas em andamento, principalmente, as que precisam da ação empírica com os sujeitos, precisou ser replanejada, diante às mudanças e os desafios trazidos com a pandemia de Covid-19, em 2020. Esse texto traz resumidamente a trajetória até o replanejamento.

A perspectiva que orienta essa investigação em curso é a de analisar os processos de aprendizagem e de criação audiovisual estudantil, procurando estudar afirmações das potencialidades criativas, cognitivas e emocionais no nível do sujeito e no nível do coletivo, dialogando com o conceito de partilha do sensível (RANCIÈRE, 2015) e a noção de espectador emancipado (RANCIÈRE, 2019). Busco analisar e produzir conhecimentos que abordem as relações entre: educação em Artes Visuais e Cultura Visual; audiovisual e os modos de ver-sentir/produzir/aprender com a imagem; criação audiovisual e protagonismo estudantil. Três dos questionamentos que constituem o problema dessa pesquisa são: que visualidades são produzidas pelos jovens estudantes durante a participação em projetos artísticos e culturais?; como essas aprendizagens colaboram para o processo de emancipação dos jovens estudantes?; esses fazeres contribuem para trazer novos significados à relação desses estudantes com a escola?. Os objetivos específicos dessa pesquisa são: promover a reflexão e a produção ética-estética audiovisual estudantil (em vídeo, cinema, fotografia e meios híbridos); estudar as questões relativas às visualidades e às (in)visibilidades; investigar como a educação em Artes Visuais junto com as questões trazidas pela Cultura Visual podem contribuir para as aprendizagens decoloniais.

Compreendo que a prática artística com audiovisual na escola reserva as exclusividades de papel e as atividades exercidas por cada estudante nessa partilha, assim como as exclusividades de conhecimento em cada uma das áreas acionadas e relacionadas, numa lógica de espaço-tempo diferente da rotina escolar, mas, ainda cercada por essa. Busco

também trazer reflexões para o ensino da Arte, no que se refere ao ver/sentir, pensar e produzir imagens, em diálogos com o campo da Cultura Visual, que como fala Mitchell (2015), explora as fronteiras da visualidade em relação com as Artes Visuais, suas implicações com a linguagem, com outros sentidos, e com os limites da invisibilidade. Com a educação em Cultura Visual, podemos colocar em jogo a questão dos modos de ver o mundo (MIRZOEFF, 2016). E acredito que também se acolha mais à prática docente a ideia da arte como experiência sensível e inteligível desenvolvida por John Dewey (2010).

A contribuição dessa pesquisa é também específica no que se refere às metodologias de pesquisa, pois, caminha dentro de uma perspectiva metodológica a/r/tográfica. Essa metodologia aproxima o fazer artístico e o fazer acadêmico, nela, novos conceitos ganham maior importância do que os conceitos da infalibilidade, verificação e replicação positivistas, presentes nas metodologias tradicionais (DIAS; IRWIN, 2013; CHARREU, 2019). A a/r/tografia, assim como outras metodologias em Artes, contempla “formas alternativas da representação visual” e cria “espaços dentro e em torno dos dados de pesquisa a partir dos quais as coisas novas podem continuamente irromper” (DIAS; IRWIN, 2013, p. 24), tendo por base também a arte como experiência a partir de concepções de Dewey.

Na perspectiva a/r/tográfica, precisam existir aberturas para possibilidades não planejadas, para encontros com o desconhecido, assim, vejo nas proposições de atividades que surjam dos estudantes como uma das formas de contemplar esse princípio a/r/tográfico, e o contexto atual exige mais atenção a essas aberturas. A nova proposta de ação no campo aproveita o que começou a ser visto e vivido, no ano de 2019, quando foi iniciada a criação de um filme documentário pelos estudantes, ainda em processo. Foram feitas entrevistas com professores, filmados o processo de criação de uma pintura mural grafite e dois eventos que dialogam com as vivências coletivas. As últimas entrevistas foram feitas em 2020, durante a quarentena, por via remota e digital. Todo o processo me fez pensar mais a necessidade do ensino de Arte na perspectiva da educação decolonial. É necessário dar continuidade às reflexões iniciadas no processo de produção desse documentário, mas agora, com ciclos de encontros online e remotos, divulgação de imagens criadas nos ambientes digitais de comunicação. A nova proposta abrange a produção de imagens visuais e audiovisuais criadas pelos estudantes, com atravessamentos das futuras conversas-encontros, que sempre terão como provocação criativa a arte como experiência sensível/inteligível, para ver e pensar a nós mesmos e o mundo de maneira decolonial. O termo suspensão está tanto no sentido de suspensão de atividades no modo presencial, da vida cotidiana em coletividade, como também de pensar a sobrevivência sensível com a experiência da arte.

Nesse momento, se coloca um novo problema: como os estudantes podem ressignificar a experiência com a escola com o audiovisual no modo remoto? Na experiência audiovisual presencial escolar, o comum partilhado também é o espaço, no caso remoto, o espaço escolar não faz mais parte do comum partilhado. O tempo e a experiência em si, a meu ver, se tornam ainda mais desafiadores. O espaço se torna múltiplo e doméstico, com parte da estética da vida privada. Apesar desses não serem assuntos centrais, não há como naturalizar todas essas mudanças, afinal, fazem parte de problemáticas que se tornam mais latentes, como: direitos de imagem (e de voz) e sociedade da vigilância.

Destarte, pensaremos juntos como a arte e a cultura podem ser caminhos de trazer a sensibilidade para a construção do conhecimento e do agir social-político-ético-estético no mundo, para decolonizar o pensamento e o imaginário, mesmo, em tempo de suspensões. A intenção é que as redes de comunicação digital sejam usadas para divulgação e comunicação das partilhas sensíveis, ou seja, que sejam usadas como espaços coletivos de reflexão, criação crítica e ética. O novo desafio que se coloca é como navegar nas suspensões temporárias de modo a continuar a construir mundos em comum.

Palavras-chave: Projetos audiovisuais. Espectador emancipado. Ensino de Artes Visuais. A/r/tografia. Cultura Visual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARRÉU, L. A Cartografia e a Artografia como métodos vivos de investigação em Arte e em Educação Artística. *DIACRÍTICA*, Revista do Centro de Estudos Humanísticos, Portugal, v. 33, n. 1, p.77-103, 2019.

DEWEY, J. *Arte como Experiência*. Trad. Vera Ribeiro; introd.: Abraham Kaplan. São paulo: Martins, 2010.

DIAS, B.; IRWIN, R. L. (Orgs). *Pesquisa Educacional Baseada em Arte: a/r/tografia*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

MIRZOEFF, N. *How to See the World: an Introduction to Images, from Self-Portraits to Selfies, Maps to Movies, and More*. Basic Books. Edição do Kindle. 2016.

MITCHELL, W. J. T. *Image Science*. University of Chicago Press. Edição do Kindle. 2015.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO Experimental / Editora 34, 2015.

_____. *O espectador emancipado*. Tradução: Ivone C. Benedetti. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2019.